

## **SANGRADORES DO IMPÉRIO: A ARTE DA SANGRIA NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA**

RODRIGO ARAGÃO DANTAS<sup>1</sup>

A sangria constituía um recurso terapêutico fundamental entre as diversas concepções de saúde e era praticada, majoritariamente por escravos, forros e seus descendentes. Estes foram sendo, aos poucos, desqualificados pela medicina acadêmica, embora muitas vezes constituíssem a única assistência terapêutica aos mais pobres. Neste trabalho pretendemos analisar o exercício da arte de sangrar na capital do Império e suas modificações na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX.

Para entendermos a importância do sangrador, devemos lembrar que durante quase todo o século XIX as concepções médicas acadêmicas baseavam-se no paradigma hipocrático-galênico, segundo o qual o corpo humano era composto por humores, cujo equilíbrio em termos de quantidade e localização contribuía para a saúde individual.<sup>2</sup>

Nesse sentido, um dos recursos mais utilizados nesse período era a sangria. Apesar disso, considerava-se a sangria um ramo da arte da cirurgia, que por sua vez, sendo uma atividade manual e que lidava diretamente com sangue, era desvalorizada em relação à medicina, uma “arte liberal”, que eximia o médico de tocar no doente, senão para verificar o pulso. (BARRADAS, 1999) Desde a Idade Média, as pessoas que desempenhavam a sangria associavam-se em confrarias e pertenceriam a camadas sociais inferiores. No Brasil do século XIX, essa hierarquia das artes de curar se mantinha. Assim, naquele contexto, não havia ninguém mais apropriado para desempenhar as atividades de “sarjar, sangrar e aplicar sanguessugas e ventosas” do que os escravos e os forros.

De fato, os dados obtidos a partir da documentação da Fisicatura-mor, órgão responsável pela regulamentação e fiscalização das artes de curar e atividades afins entre 1808 e 1828, confirmam esta afirmação acerca de quem exercia a arte da sangria, apesar de não sabermos o quão significativo é o número de sangradores oficializados em relação ao total que atuava no período. A análise baseada nos processos da

---

<sup>1</sup> Mestrando, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Email: aragao02@hotmail.com

<sup>2</sup> Arlette Legibre. “Sangrar e purgar!” em Jacques Le Goff (org.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, s/d.

Fiscatura-mor a respeito da condição jurídica dos sangradores identificou que, entre os pedidos brasileiros, em 84% (que corresponde a 164 em 193 pedidos) dos casos tratava-se de forros ou escravos. Indivíduos livres podiam ser sangradores que, na maior parte das vezes, obtinham esta habilitação antes ou junto com a de cirurgiões. No entanto, escravos e forros eram praticamente sempre sangradores, não podendo aspirar a um nível hierárquico mais alto dentro dos princípios estabelecidos pela Fiscatura-mor. Entre os pedidos brasileiros que apresentavam a condição jurídica do suplicante, 61.7% (ou seja, 101) eram escravos e 38.3% (63), forros. (PIMENTA, 1998)

Desse modo, percebe-se que esses dados vão ao encontro dos relatos da época, como os de Walsh e Debret, autor de gravuras clássicas sobre essas atividades. Negros e mulatos constituíam a maior parte dos sangradores. (DEBRET, 1940) Segundo Debret, as lojas normalmente pertenciam a negros libertos, que empregavam escravos, instruindo-os como aprendizes. (CUNHA, 1985: 32)

Entre os 173 sangradores com ‘nacionalidade’ definida, 61.3% (106 em 173) haviam nascido na África. Verificamos, assim, que os africanos ocupavam predominantemente este ofício. E entre os nascidos no Brasil, a maior parte era de escravos e forros, portanto descendentes dos primeiros.

À medida que a corporação médica se organizava ao longo da primeira metade do século XIX, contudo, a sangria foi sendo considerada uma operação delicada e complexa demais para escravos e forros. Isso, no entanto, não aconteceu de uma hora para outra. A figura do sangrador estava longe de representar um consenso para os médicos.

Percebemos, no entanto, que mesmo com as tentativas de reprimir e desqualificar a prática da sangria por barbeiros, ou agentes de cura não pertencentes ao círculo médico oficial, estes continuavam atuando ao longo da segunda metade do século XIX. Através dos anúncios do Almanak Laemmert, mapeamos as lojas de barbeiros. Os anúncios continham o nome completo e o endereço da pessoa que anunciava. Essas lojas tinham por características até pelo menos a primeira metade do século XIX, oferecer serviços diversos, como o corte de barbas, de cabelos, perfumaria e pequenas práticas de cura, como a sangria. Com as informações do Almanak, utilizamos um mapa padrão da cidade do Rio de Janeiro datado de 1852. Para mapear as áreas de atuação das barbearias, dividimos o período de 1844 até 1889 em nove mapas

que englobam cinco anos, observando as mudanças que esses estabelecimentos apresentaram ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Além dos mapas, através do Almanak Lammert podemos dispor de números referentes à atuação dos barbeiros que trabalhavam em lojas na cidade do Rio de Janeiro.

Até o fim de 1889, quantificamos cerca de 2400 anúncios e 1000 anunciantes. Observamos, além disso, um aumento gradual de anunciantes no almanaque, com uma média de 93 anunciantes por ano ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Houve também um aumento significativo de lojas de barbeiros no mesmo período. Atentamos também para o número de barbeiros anunciantes antigos e novos e o número de anunciantes que mudaram ou permaneceram no mesmo endereço entre um anúncio e outro. Quanto a este aspecto, constatamos a inserção de poucos barbeiros novos dentro de cada ano de anúncio, uma média de 24% junto com uma taxa ainda menor de 3% de barbeiros que mudavam de endereços. Esses números iniciais da análise nos indicam que além do aumento gradual das lojas de barbeiros, houve pouca variedade de mudanças de endereços e um pequeno número de barbeiros novos que anunciavam de um ano para outro. Isso nos indica uma permanência dos barbeiros e pode apontar para uma possível rede entre os estes e seus clientes. Tais resultados também confirmam a importância desse ofício na sociedade carioca do século XIX e sua razoável renovação a cada ano.

Se por um lado, o caráter mecânico da arte de sangrar e a sua limitação a atos cirúrgicos menores ajudam a explicar o porquê de grupos mais abastados da sociedade relegarem o exercício de sangrador; havia, por outro lado, interesse de escravos e libertos, incluindo-se muitos africanos, por esse ofício. Esse grupo, provavelmente, via em tal atividade, pelo menos nos centros urbanos, uma oportunidade de acumular pecúlio, ou seja, enxergava o aumento da possibilidade de comprar a liberdade e de melhorar suas condições de vida. Esse conhecimento foi, então, sendo transmitido entre as pessoas que constituíam essa camada social e suas atividades foram sendo reinterpretadas segundo suas concepções de doença e cura. Os africanos e seus descendentes praticamente “monopolizaram” a arte de sangrar. A documentação da Fisicatura-mor não explica o porquê da sangria, nem do ponto de vista da medicina acadêmica e, muito menos, do ponto de vista de quem a praticava, sendo bem objetiva quanto à prática: tratava-se de sangrar, sarjar, aplicar bichas, ventosas e sanguessugas. (PIMENTA, 2003)

Observamos que no último quinquênio, houve um aumento muito significativo do número de barbeiros passando de 608 anúncios entre 1879-83 para 962 de 1884-89. Dessa forma, concluímos que mesmo com a desautorização por parte da medicina oficial, houve um incremento do número de lojas onde os barbeiros praticavam as sangrias, o que pode ser um indício de aumento da prática da sangria feita pelos barbeiros, o que corrobora também com a idéia de que existiam redes de solidariedade entre os praticantes deste ofício. A permanência dos mesmos barbeiros nas mesmas lojas, onde possivelmente se construiu uma clientela fiel e ajuda mútua entre os colegas de ofício, propiciavam condições de melhoria de vida dentro dos limites a que o grupo social dessas pessoas estava sujeito (PIMENTA, 2009).

A pequena mudança de endereços a cada quinquênio facilitaria a ação da fiscalização dos órgãos municipais frente às práticas de sangria realizadas dentro das barbearias. Não observamos, entretanto, uma grande repressão a essa atividade nos documentos oficiais do período. Podemos supor então que havia uma incapacidade e/ou falta de interesse da fiscalização quanto à prática da sangria nesses estabelecimentos. Ou ainda que a sangria fosse cada vez menos praticada nesses estabelecimentos, deixando às lojas as atividades mais ligadas à estética e aos barbeiros itinerantes, a tarefa das sangrias.

Ao transpormos os dados sobre as lojas de barbeiros para os mapas, utilizamos a metodologia de Moretti que fez uso da cartografia como outra maneira de entender a realidade literária, ao invés de só utilizar a forma escrita de representação.<sup>3</sup> Segundo o autor:

*“... o método de pesquisa, que é o mesmo em toda parte e se baseia no uso sistemático de mapas. De mapas não como metáforas, quero dizer, e menos ainda como ornamentos do discurso, mas como ferramentas analíticas: que dissecam o texto de maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas” (MORETTI, 2003).*

---

<sup>3</sup> Passando para a análise dos mapas, cabe nos dizer que esta foi baseada nas interpretações de Moretti (2003) em seu livro, *Atlas do Romance Europeu (1800-1900)*, sobre como se trabalhar e analisar representações cartográficas. Nessa obra o autor propõe analisar a literatura do século XIX, através de mapas. Muito embora sua obra seja relacionada à literatura, propomos trabalhar com seus conceitos através, não de uma obra literária, mas sim da análise da documentação histórica.

Assim concordamos com Moretti quando ele considera que através do trabalho com mapas podemos observar certas relações que nos escapam se trabalharmos só com os textos.

Neste estudo, os mapas que fizemos e utilizamos nos foram importantes, pois permitiram a construção de uma nova perspectiva para abordar o assunto, vinculada às articulações espaciais que por outros métodos poderiam passar despercebidas. Ao fazer os mapas com os dados dos endereços dos barbeiros, pudemos observar onde se concentrava a atuação desse ofício na cidade, além das modificações e deslocamentos que ocorreram com o passar dos anos. Com essas informações foi possível cruzar dados espaciais com outras fontes, como os inventários, procurando chegar a um entendimento mais completo da atuação e das transformações desse ofício na cidade.

O primeiro mapa feito e analisado corresponde ao período de 1844 até 1848. Nesse mapa temos a marcação de 41 endereços de anunciantes. Sua concentração espacial refere-se principalmente às áreas centrais da cidade, entendendo como centro da cidade, o espaço que ia desde o limite natural da Baía da Guanabara até o Campo de Santana, no eixo Leste-Oeste e no eixo Norte-Sul do morro do Livramento até o morro do Castelo, destacando-se o entorno da atual praça XV e os primeiros números da rua Primeiro de Março. Além desses endereços, verificamos uma concentração significativa ao longo das ruas do Ouvidor, do Sabão e de São Pedro<sup>4</sup>. Observamos já nesse primeiro mapa uma presença significativa das lojas de barbeiros na cidade, principalmente no Centro, indicando que os anunciantes eram provavelmente pertencentes à classe mais baixa da sociedade carioca, já que nessas áreas mais centrais da cidade se concentrava um maior número dos grupos sociais subalternos.

A concentração de anunciantes nas ruas e imediações apontadas no primeiro mapa se repetiu até pelo menos o mapa correspondente ao quinquênio de 1859-1863, sempre se observando um aumento ano após ano, da presença dessas lojas no cotidiano dos cariocas. A partir do mapa correspondente aos anos de 1859-63, houve um aumento significativo da concentração de anunciantes nas imediações do largo de São Domingo (atual av. Presidente Vargas) e ao longo de toda a rua Primeiro de Março. É a partir desse mapa que podemos observar uma expansão dessas barbearias para outras áreas,

---

<sup>4</sup> Sendo que as duas últimas ruas não existem mais, tendo sido destruídas para a construção da Avenida Presidente Vargas.

como além do Campo de Santana, Lapa e Glória. Essa tendência acompanhou um crescimento da cidade para as áreas antes pouco povoadas. Muito embora se observe esse aumento, não houve um esvaziamento da presença das barbearias nas áreas centrais da cidade. Pelo contrário, houve um aumento da concentração. Observamos que os estabelecimentos indicados pelo mapa nas áreas periféricas da cidade são de barbeiros novos, pois como se observou anteriormente, a taxa de barbeiros que mudaram de endereço foi de apenas 3 %.

O mapa correspondente ao período de 1864-68 destaca-se como o ápice da concentração das barbearias no centro da cidade, sempre com um aumento contínuo dos estabelecimentos a ponto de que neste período, tenha existido pelo menos um estabelecimento de barbearia em cada rua da cidade. O mapa correspondente ao período de 1869-1873 mostra uma maior dispersão das lojas para as áreas periféricas da cidade, mudando um pouco o padrão de concentração. Mesmo assim, o número de barbearias continuou alto no período, no centro da cidade. Essa maior dispersão das barbearias foi visto como algo decorrente do crescimento natural da cidade para áreas antes pouco habitadas (SOARES, 2007: 22-23).

No período correspondente aos anos de 1874-78 observamos a primeira queda no total de número de barbearias anunciadas na cidade. Essa diminuição se refletiu principalmente nas zonas periféricas da cidade, perdendo grande concentração das barbearias antes anunciadas. Ao analisarmos os números da inserção de novas barbearias nesse período, vimos que a diminuição desses estabelecimentos teve mais a ver com a pouca inserção de novas barbearias do que a diminuição das barbearias antigas. Nesse ponto da pesquisa imaginávamos que haveria um decréscimo natural em relação aos próximos mapas, por conta da repressão oficial às práticas terapêuticas exercidas nesses lugares, já que por sua estrutura física fixa, seriam lugares mais frágeis frente a fiscalização oficial. Observamos, no entanto, que essa queda no quinquênio de 1874-78 foi singular e não foi acompanhada nos outros mapas posteriores, em que o ritmo de crescimento das barbearias aumentou em relação aos primeiros mapas, concentrando-se tanto nas áreas centrais quanto com uma forte expansão para as zonas periféricas da cidade.

Nos dois últimos mapas de 1879-1883 e de 1884-1889, observamos um grande aumento das barbearias e sua disseminação entre todas as áreas centrais da cidade e as

zonas periféricas, incluindo algumas indicações para áreas que não estavam contempladas no mapa, como: Tijuca, Glória, Flamengo e Lagoa. Isso indica mais uma vez, a permanência e o aumento do número dessas barbearias que acompanharam de perto o ritmo de crescimento acelerado que se apresentou na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Nesse levantamento quantitativo feito através dos números e mapas apresentados anteriormente, pretendemos analisar se houve uma permanência dos barbeiros através de suas lojas na cidade na passagem da primeira metade do século XIX para a segunda. Trabalhos anteriores como os de Pimenta( 1997 & 2006), Jeha(2006) e Pires(2006), indicam que havia uma permanência dessa prática em toda a primeira metade dos Oitocentos a despeito da desautorização sofrida com o fim da Fisicatura e o aumento da fiscalização que, embora fosse insuficiente, existia. Observamos que houve um aumento significativo e ininterrupto do número de barbearias em todas as partes da cidade, o que inicialmente poderia ser interpretado como uma continuação e aumento das práticas de sangria desautorizadas na cidade.

Outro fato que pudemos observar através desse estudo quantitativo foi a importância que essa atividade teve na cidade. Um grande número dessas lojas ocupou espaço significativo na cidade, nos indicando o quanto essas lojas eram importantes para a população em geral, que muitas vezes escolhiam as práticas de cura desautorizadas por entenderem que elas melhor atendiam seus anseios e perspectivas(WITTER, 2001). Muitas vezes a própria medicina oficial recorria a esses sangradores por entenderem que era cabível a sua atividade frente a um problema de um enfermo ou mesmo por falta de pessoal especializado que se dispusesse a fazer a sangria (PIMENTA, 2006).

Após a análise dos mapas apresentados, passaremos para a análise dos inventários dos anunciantes. Essa análise é válida, pois nos indica algumas tendências e padrões que podem ser cruzados com a bibliografia sobre o tema. Para tal trabalho relacionamos todos os nomes dos barbeiros anunciantes no Almanak Lammert e pesquisamos seus inventários no Arquivo Nacional, porém muitos não foram encontrados e outros tantos se referiam a homônimos. Dessa forma inviabilizando-se, na primeira análise desse material, um estudo de ordem quantitativa, sendo priorizado o de ordem qualitativa, procurando nos aproximar do cotidiano desses agentes e de suas características. (JEHA, 2006)

Analizamos, dessa forma, dez inventários, dos seguintes indivíduos: Antonio José Dutra<sup>5</sup> que anunciou em 1848; José Xavier Esteves<sup>6</sup> que anunciou entre 1847 e 1872; Barnabé Antonio Dias<sup>7</sup> que anunciou entre 1870 e 1880; Antonio Lopes Saraiva<sup>8</sup>, que anunciou entre 1852 e 1861; Antonio Rodrigues Fontes<sup>9</sup>, que anunciou entre 1873 e 1875, Felisberto de Campos<sup>10</sup> que anunciou entre 1868 a 1874, Antonio José Gomes<sup>11</sup> que anunciou entre 1868 e 1880, Candido José Loivos<sup>12</sup> que anunciou no ano de 1880, Francisco Antonio Monteiro<sup>13</sup> que anunciou entre 1880 e 1882 e Antonio Rodrigues de Carvalho<sup>14</sup> que anunciou entre 1876 e 1877.

O primeiro inventário a ser analisado, pertence a Antonio José Dutra, para o que existe um trabalho bem detalhado( JEHA, 2006). Este caso é importante para este estudo para efeito de comparação e mudança de características entre os barbeiros da primeira metade e os da segunda do século XIX. Antonio José Dutra era um típico barbeiro da primeira metade do século XIX. Foi escravo vindo do Reino do Congo, se sustentava através da sua loja de barbeiro, que era anexa a sua casa. Além disso, teve seis filhos e deixou pelo menos cinco escravos em seu inventário, sendo que alguns deles trabalhavam na loja, eram seus aprendizes e garantiam o sustento da família. Nesse primeiro caso, observamos um bom exemplo de um indivíduo que estava dentro do universo das artes de cura da primeira metade dos Oitocentos, um ex-escravo vindo da África, que provavelmente aprendeu a arte da sangria com seus antepassados. Chegou ao Brasil, conseguiu a sua liberdade através de seu ofício e conseguiu ter uma vida razoavelmente próspera, inclusive tendo escravos e ensinando a eles o seu ofício.

Nesse caso conseguimos observar as redes de solidariedades existentes dentro do ofício de sangrar, através do ensinamento que Antonio José Dutra deu aos seus escravos.

---

5 Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Dutra, Caixa 475 Número. 1975

6 A.N. Inventário de José Xavier Esteves, cx 4158 n. 1835

7 A.N. Inventário de Barnabé Antonio Dias, cx 4023 n. 602

8 A.N. Inventário de Antonio Lopes Saraiva, cx. 4005 n. 272

9 A.N. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, cx. 349 n. 5025

10 A.N. Inventário de Felisberto de Campos, cx. 259 n. 6039

11 A.N. Inventário de Antonio José Gomes, Maço 421 Número 5093

12 A.N. Inventário de Candido José Loivos, Maço 2386 Número 2359

13 A.N. Inventário de Francisco Antonio Monteiro, Maço 392 Número 3848

14 A.N. Inventário de Antonio Rodrigues de Carvalho, Caixa 4253 Número

Os mesmos desenvolveram o ofício de sangrar e o ajudaram em sua loja, criando assim alguns laços entre esses indivíduos. O inventário de Dutra também nos ajudou a identificar posteriormente quais foram os objetos típicos usados nas lojas de barbearia. De posse das informações desses objetos, através de seu inventário e do trabalho de Jeha (2006), pudemos identificar para a segunda metade do século XIX, quais inventários poderiam ou não ser de barbeiros que praticavam a sangria. Passaremos para uma pequena descrição do que existia na loja de Dutra:

*“Na barbearia de Dutra havia 16 cadeiras, cinco penteadores, almofariz, bigorna, martelo, pedras para afiar as navalhas, além de bacias, mangas de vidro, três barris para carregar água, o que demonstrava o grande afluxo do lugar. Foram relacionados ainda “bichas” (sanguessugas) e “diversas peças de ferros para tirar dentes. Ao menos cinco clientes poderiam fazer a barba ao mesmo tempo, pois havia penteadores e escravos o suficiente para atendê-los.” (JEHA, 2006: 22-23)*

A partir desse parâmetro, tentaremos observar a origem e o comportamento dos outros barbeiros encontrados na segunda metade dos Oitocentos, sempre tendo um olhar comparativo das diferenças e continuidades apresentadas por esses indivíduos com o passar do tempo.

O segundo inventário pertence a José Xavier Esteves. Este barbeiro anunciou entre 1847 e 1872 no endereço da Rua do Theatro, número 11 e seu inventário é datado do ano de 1880, pertencendo assim a segunda metade do século. Pudemos observar em seu inventário, sendo o filho seu inventariante, que existia no relato a presença de uma loja de barbeiro. Além dessa indicação, temos a relação de móveis e pertences dessa loja, que nos indica se além das práticas de cortar cabelos, ele praticava outras como a sangria. No caso de José Xavier Esteves, existe a referência a um “globo para sangrar, usado” no valor de 5\$000 réis.

Embora haja essa indicação, o mais significativo é que dentro dos vários ítems listados em seu inventário, só há o “globo para sangrar”, como um objeto que faz clara referência a atividade de sangrador. Eram inexistentes itens como sanguessugas (bichas), muito embora existissem itens como navalhas que também poderiam ser utilizados na sangria. Além disso, nessa loja destacavam-se os itens de perfumaria.

Encontramos um relatório de quatro páginas listando todos os perfumes e águas de cheiro que se vendiam na loja, além da dívida deixada pelo barbeiro com uma loja de perfumes franceses na rua dos Ourives, 115. Essas características apresentadas nos itens inventariados pertencentes à loja, nos dão uma primeira indicação de uma possível mudança de perfil das lojas de barbeiros, que começaram a se desvincular dos serviços mais ligados à cura para oferecer serviços ligados à estética.

O que nos faltou no caso de José Xavier Esteves é qualquer indicação sobre seu status jurídico. Tinha dois filhos Joaquim Xavier Esteves seu filho mais velho, o inventariante, e uma filha de quatorze anos na época de sua morte. Através do inventário pudemos deduzir que seus herdeiros viveram das rendas da loja, sendo que o filho pode ter aprendido o ofício de sangrar com seu pai e assim tenha tido a possibilidade de continuar com os negócios da família na loja de barbearia.

Depois da morte do pai, a filha Ana Adelaide Esteves, se consultou com o dr. Correa do Rego, indicando que mesmo participando do universo das artes de cura populares, pois o seu pai era barbeiro, Ana recorreu a ajuda de um médico para se curar. Isso aponta para as tênues fronteiras entre a medicina acadêmica e a popular, entre as quais não necessariamente existia uma dicotomia, e sim uma procura pelo enfermo de uma terapêutica que melhor atendesse as suas próprias expectativas e anseios.(WITTER, 2001)

Essa provável inter-relação entre os vários praticantes das artes de curar é de grande importância, pois ratifica a idéia de que apesar do discurso médico oficial contra as artes de curas populares, mais do que um combate implacável contra esses agentes, o que se observa é uma interação entre os mesmos.

Seguindo a mesma linha do inventário anteriormente analisado, o próximo é o de Barnabé Antonio Dias. Nesse documento continuamos a observar as redes que existiam em volta do ofício de cura. No caso de Barnabé, essas redes nos são indicadas pelo fato de seu padrinho Miguel Ferreira da Silva ser barbeiro, anunciante no Almanak Lammert. Além disso, por conta da morte de Barnabé, Miguel foi quem pagou todas as despesas do enterro, além de em vida ter sido ele também quem pagou uma dívida de Barnabé junto a Domingos Álvares da Silva Penna, por conta da hipoteca de seu imóvel, que servia de moradia e tinha anexo a loja de barbearia. Infelizmente não conseguimos ter acesso ao inventário de Miguel, mas ao observarmos essa relação

existente entre esses dois praticantes do ofício de cura, podemos afirmar que se existia uma relação entre diferentes agentes de cura, essa relação pode ser observada com mais intensidade quando tratamos de dois barbeiros. Podemos supor um cenário onde possivelmente o padrinho de Barnabé, Miguel, tenha transmitido certos conhecimentos do ofício de barbeiro e muitas vezes, como observado no inventário, patrocinado a sua loja, dando apoio financeiro.

Por fim no inventário de Barnabé, não temos a indicação dos bens que pertenciam a loja de barbeiros, o que dificulta a análise de até que ponto se praticava a sangria na loja. Temos a indicação de que o falecido deixa muitas dívidas e por conta da sua morte, sua família composta pela viúva e uma filha de nove anos, não teve condições de pagar seu funeral ou suas dívidas, pois o único bem que o falecido dispunha era sua casa e sua loja de barbeiro, que também estava com a hipoteca atrasada. Indicando-nos que houve uma continuidade, quando se trata da situação social dos barbeiros, na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX. Em sua maioria eles pertenciam a segmentos sociais subalternos e menos favorecidos em questão de posses e dinheiro.

O quarto inventário é o de Antonio Lopes Saraiva. O inventário desse anunciante é de certa forma peculiar em comparação com os outros, pois todas as indicações iniciais se referem a ele como um dentista. Comparando o inventário com os dados do Almanak Lamnert, podemos observar que Antonio Lopes Saraiva anunciava como barbeiro do ano de 1852 até 1861 e depois anuncia como dentista de 1865 até 1873 em diante. Como nos é indicado em trabalhos anteriores (PIMENTA, 1998) muitos barbeiros também praticavam a atividade de dentista indicando-nos, assim, que pode ter havido uma migração de uma categoria para outra. Outro indício, são os instrumentos inventariados que por serem muitas vezes de corte, podem ter sido utilizados para as duas práticas. Diferente dos outros inventários já analisados, nesse há a indicação de que o anunciante era português.

Nesse inventário observamos que havia uma continuidade quando temos uma indefinição de qual categoria pertencia cada indivíduo. Cabe ressaltar que as divisões das artes de curar em categorias como barbeiros-sangradores, curandeiros, cirurgiões dentistas entre outros eram frágeis (PIMENTA, 1997), sendo na sua maioria classificações impostas pelas autoridades regulatórias para melhor entender e fiscalizar

as práticas de cura. Assim observou-se uma fronteira maleável entre as várias artes de cura, onde muitas vezes os indivíduos não se auto classificavam e sim atuavam nos mais variados segmentos. No caso específico de Antonio Lopes Saraiva, o que ficou mais claro para nós na análise do seu inventário, foi que ocorreu uma migração de categoria. Em um primeiro momento, talvez por ser recém chegado ao Brasil, se classificou como barbeiro e com o passar do tempo anunciou-se como dentista. Embora fosse uma prática mais prestigiada, muito provavelmente em sua loja ele ainda praticaria a sangria e outros tipos de tratamentos além da atividade de dentista.

A atuação de um português como sangrador, pode ser um indício para uma eventual mudança no perfil dos praticantes dessa atividade, com o fim do tráfico e um aumento significativo na imigração(SOARES, 2007), principalmente de mão-de-obra portuguesa. Talvez estejamos diante de uma diminuição do número de escravos nos ofícios da sangria, o que seria uma grande modificação na prática da sangria entre a primeira e a segunda metade dos Oitocentos.

O quinto e o sexto inventários são de Antonio Rodrigues Fontes e Felisberto de Campos. Encontramos no inventário de Antonio Rodrigues Fontes um cartão que anunciava a sua loja: “Ao Salão Elegante para barbear e cortar cabelos de A R Fontes, Rua dos Ourives 77, Tem sempre um Completo sortimento de Perfumarias e Salla particular para tingir barbas e Cabellos.”<sup>15</sup> Observamos algumas modificações importantes que as lojas de barbeiros passaram da primeira para a segunda metade do século XIX. A primeira foi que esses espaços passaram a ser mais direcionados a estética do que propriamente a cura. Isso explicaria o aparente paradoxo de que mesmo com o passar dos anos e o aumento da fiscalização contra os praticantes das artes de curas populares, houve um aumento significativo nas barbearias em toda a cidade, o que nos indicou que esse aumento foi mais em decorrência da mudança de perfil das barbearias. É importante deixar claro que embora dentro dessas lojas houvesse esse tipo de migração, havia barbeiros ambulantes que praticavam a sangria até pelo menos o fim do século XIX(FIGUEIREDO, 2002) , sendo essa atividade menos reprimida em decorrência da dificuldade de localização dos mesmos. Outra modificação importante, que a nosso ver está extremamente vinculada à mudança do perfil das barbearias, refere-se à presença maior de portugueses nesses estabelecimentos.

---

15 A.N Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, cx. 349 n. 5025, f. 43

O único inventário analisado com indicação de que pertencia a um africano foi o de Antonio José Gomes, que anunciou entre 1868 e 1882. Ele era barbeiro e não deixou descendente. Possuía três imóveis, mas apenas era usado como loja de barbeiro que garantia seu sustento e o da sua esposa Ana Maria da Glória que era forra. Com a sua morte deixa muitas dívidas, sendo sua loja usada para pagar grande parte delas.

Embora haja a indicação da loja de barbeiro, temos poucas informações sobre esse indivíduo, porque não se encontram listados os móveis e instrumentos que existiam em sua loja, dificultando o entendimento do cotidiano desse estabelecimento. Apesar disso, por Antonio José ser africano e pobre, entende-se que ele se enquadrava no perfil dos barbeiros que praticavam a sangria, principalmente na primeira metade dos Oitocentos. Como vemos, embora haja modificações no interior dessas lojas, esse processo foi gradual podendo haver em todo o período de tempo estudado barbeiros que praticavam atividades de cura e outros que não se dedicam a essas práticas.

O próximo inventário foi o de Candido José Loivos que só anunciou no ano de 1880. O fato particular desse inventário foi a questão de que ele não era barbeiro, mas sim credor de um de nome Antonio Octavio Alves de Almeida, que por estar endividado com Candido perdeu a loja para o pagamento da sua dívida. Embora nosso foco tenha sido trabalhar com inventários, quando possível conseguimos cruzar alguns dados com outros tipos de documentação cartorial, um exemplo disso, foi esse caso onde conseguimos ter acesso aos dados do processo de dívida movido por Candido contra Antonio Octávio. Esse documento foi destacado, pois nos indicou mais uma vez a questão do status social da maioria dos barbeiros. Em grande parte dos inventários analisados vemos a presença de dívidas deixadas pelos barbeiros depois da morte, mesmo os que tinham lojas onde o foco era a estética, o que nos mostra que ao trabalharmos com o ofício dos barbeiros na passagem da primeira para a segunda metade do século XIX, continuamos a trabalhar com indivíduos pertencentes a um segmento social subalterno.

Os dois últimos inventários analisados foram os de Francisco Antonio Monteiro e Antonio Rodrigues de Carvalho. Nesses dois inventários, havia uma lista de pertences dos barbeiros, na qual não eram indicados nenhum objeto que fosse utilizado para a sangria. No caso de Francisco, identificamos uma lista completa de perfumarias, além de uma dívida deixada pelo mesmo, com um fornecedor de perfumes franceses na

cidade, muito parecido com o inventário anterior de Antonio Rodrigues Fontes. Antonio Rodrigues de Carvalho, por sua vez, possuía muitos objetos para cortes de cabelos, o que poderia ser um indicativo para a prática da sangria. Mas o que observamos nesse inventário foi a utilização desses instrumentos apenas para cortes de cabelos e barbas de acordo com anúncios incluídos no inventário, nos quais se anunciava tratamentos estéticos. Nos dois inventários tivemos a indicação de que eram portugueses. Embora fossem barbeiros, esses dois anunciantes não praticavam a sangria em suas lojas.

Através dessas observações referentes ao trabalho de mapeamento, concluímos que houve uma permanência e crescimento das barbearias na cidade, mesmo com a repressão cada vez maior exercida pela a medicina oficial, frente aos terapeutas populares(PIMENTA, 1998) .Também identificamos a pouca inclusão de novos barbeiros nos anúncios, o que nos indicou uma possível formação de redes de solidariedade e ajuda mútua entre os praticantes do ofício de barbeiro. O curioso dessas conclusões iniciais é que mesmo com uma maior organização e repressão da medicina oficial frente aos ofícios de curas populares, com a tentativa de monopolização das artes de cura, houve um aumento significativo do número de barbearias ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Essa questão nos indicou a necessidade de analisar mais de perto as práticas contidas dentro dessas barbearias, para tanto recorreremos aos inventários dos barbeiros anunciantes.

Ao recorrermos aos inventários desses barbeiros encontramos cerca de dez inventários. Mesmo não sendo um número expressivo no universo total dos anunciantes, esses dez barbeiros puderam nos indicar algumas tendências importantes. A primeira conclusão importante foi que houve uma mudança de perfil das atividades desses barbeiros dentro de suas lojas. Encontramos cinco inventários onde os barbeiros certamente não praticavam a sangria, sendo que suas lojas estariam muito mais ligadas às questões de estética, como corte de barba, cabelo e venda de perfumarias, do que às questões de cura.

Outro apontamento importante foi que houve pelo menos cinco barbeiros que se identificavam como portugueses, e não mais como africanos ou forros, como os barbeiros da primeira metade do século XIX. E o último apontamento foram as redes de solidariedade e ajuda mútua entre os barbeiros que continuaram a existir e a se proliferar, mesmo os que não exerciam atividades de cura.

## Bibliografia

### Fontes Manuscritas:

- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Dutra, Caixa 475 Número 1975.
- Arquivo Nacional. Inventário de José Xavier Esteves, Caixa 4158 Número 1835.
- Arquivo Nacional. Inventário de Barnabé Antonio Dias, Caixa 4023 Número 602.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Lopes Saraiva, Caixa 4005 Número 272.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, Caixa 349 Número 5025.
- Arquivo Nacional. Inventário de Felisberto de Campos, Caixa 259 Número 6039.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Gomes, Maço 421 Número 5093.
- Arquivo Nacional. Inventário de Candido José Loivos, Maço 2386 Número 2359.
- Arquivo Nacional. Inventário de Francisco Antonio Monteiro, Maço 392 Número 3848.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues de Carvalho, Caixa 4253 Número 2423.

### Fonte Impressa

Almanak Laemmert- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil, anos de 1844 a 1889.

BARRADAS, Joaquim. *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

CUNHA, Manuela C.. *Negros, estrangeiros - os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, São Paulo, Livraria Martins, 1940

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves . *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

GINZBURG , Carlos. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.

JEHA, Silvana. *Ganhar a vida*. Uma história do barbeiro Antonio José Dutra e sua família. Rio de Janeiro, século XIX. In: USOS DO PASSADO XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 2006, NITERÓI. USOS DO PASSADO XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO. Programação geral, 2006.

KARASCH, Mary. *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton, Princeton University Press, 1987. [A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo, Companhia das Letras, 2000].

LEGIBRE, Arlette. “Sangrar e purgar!” em Jacques Le Goff (org.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, s/d.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In. A escrita da história: novas perspectivas, Peter Burke, org. São Paulo: Editora UNESP, 1992

\_\_\_\_\_. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu, 1800-1900*. São Paulo: Bomtempo, 2003.

PIMENTA, Tânia Salgado. “*Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX*”. Dissertação de mestrado, Campinas, Unicamp, 1997

\_\_\_\_\_. *Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Discurso Médico sobre Escravidão no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX*. In: IV Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Exercício das Artes de Curar no Rio de Janeiro da Primeira Metade do Oitocentos*. In: Simpósio Internacional História dos Trabalhadores da Saúde, Rio de Janeiro. Simpósio Internacional História dos Trabalhadores da Saúde. 2006.

PIRES, Ana Flávia Cicchelli . A participação dos sangradores no comércio atlântico de escravos. In: XII Encontro Regional de História, 2006, Niterói. Anais do XII Encontro Regional de História, 2006.

SOARES, Luiz. Carlos. *O Povo de Cam na capital do Brasil*. A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: FAPERJ - Editora 7 Letra.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)*. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.